



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
COLEGIADO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

ELIZIETE MASCARENHAS DOS SANTOS

A DÚVIDA METÓDICA NA FILOSOFIA CARTESIANA

**Amargosa – BA
Agosto de 2018**

ELIZIETE MASCARENHAS DOS SANTOS

A DÚVIDA METÓDICA NA FILOSOFIA CARTESIANA

Trabalho de Conclusão de Curso exigido como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Geovana da Paz Monteiro.

Amargosa – Ba

Agosto de 2018

ELIZIETE MASCARENHAS DOS SANTOS

A DÚVIDA METÓDICA NA FILOSOFIA CARTESIANA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado no Centro de Formação de Professores da UFRB, Amargosa, Bahia, no dia 23 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Geovana da Paz Monteiro (orientadora)

Prof. Dr. Kleyson Rosário Assis (examinador)

Prof. Dr. Rafael dos Reis Ferreira (examinador)

“A verdade é para descobrir, não para construir. A razão é um dom, não uma conquista” (Genevieve Rodis-Lweis)

Esta monografia é dedicada à minha família

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Deus que me proporcionou essa oportunidade de cursar o nível superior e me ajudou a chegar até aqui e alcançar esse privilégio.

À professora Geovana Monteiro que assumiu a orientação do meu TCC com atenção, profissionalismo e dedicação à minha formação, e pacientemente me ensinou a desenvolver os textos em vários encontros de discussão e estudo do assunto e assim contribuiu diretamente de forma especial para o meu trabalho.

À minha família, meu pai, minha mãe e meu irmão que me apoiaram na minha formação acadêmica com muito amor e palavras de incentivo.

Ao meu esposo Edivan que também me apoiou e pacientemente contribuiu para que eu chegasse até aqui.

E em especial às minhas amigas de curso Jéssica Santos e Tatiane Ramos que muito me ajudaram nos momentos em que eu mais precisei.

Aos meus queridos amigos Gesiane dos Santos, Luciano Bispo, Emmiliana Moreira, Milene de Deus, Yolanda Bispo e o meu professor de estágio Reinaldo Batista que muito colaboraram para que eu terminasse o meu curso. E também aos meus amigos de trabalho da Secretaria Municipal de Saúde que colaborou direta e indiretamente para os meus estudos.

RESUMO

Este trabalho objetiva o estudo da dúvida metódica de Descartes, abordando as formas como o filósofo buscou para encontrar a verdade nas ciências apoiado exclusivamente na razão. No primeiro capítulo procuraremos descrever o ceticismo antigo e o ceticismo moderno com a perspectiva de diferenciá-los da dúvida metódica de Descartes. Nesse sentido, mostraremos como os filósofos Pirro de Élis, Sexto Empírico e Michel de Montaigne contribuíram para o desenvolvimento do ceticismo que invadiu toda a Europa nos séculos XVI e XVII. A seguir, no segundo capítulo, iremos abordar a dúvida metódica de Descartes a fim de mostrar o seu propósito. A dúvida metódica tornou-se muito importante, pois trata de um exercício de Descartes feito de maneira ordenada e lógica a fim de atingir a descoberta da verdade absoluta.

Palavras- Chave: Ceticismo, Dúvida Metódica, Verdade.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
I Capítulo – Considerações sobre a dúvida dos céticos.....	11
I.1 – Ceticismo antigo.....	11
I.2 – Ceticismo moderno.....	14
II Capítulo – Considerações sobre a dúvida metódica cartesiana.....	19
II.1 – As Regras para a orientação do espírito.....	19
II.2 – O Discurso do método.....	22
II.3 – As Meditações.....	27
Considerações finais.....	34
Referências.....	36

INTRODUÇÃO

O propósito principal desta monografia é o estudo analítico da dúvida metódica na filosofia de René Descartes. O objetivo principal é investigar as distinções e aproximações entre a dúvida metódica cartesiana e a dúvida cética. Nossa breve abordagem do ceticismo se dará apenas como forma de contrapor essa corrente filosófica às ideias de Descartes, especificamente o ceticismo clássico. Desse modo, não pretendemos aprofundar o ceticismo de um modo geral, mas apresentar um estudo sobre com mais afinco a dúvida metódica de Descartes.

Um importante pensador do ceticismo antigo se destacou e foi considerado o primeiro filósofo cético. Pirro de Élis argumentava que não acreditava na verdade absoluta, que do mesmo jeito que podemos afirmar alguma coisa, também podemos negá-la, pois não temos certeza das coisas. Para Pirro, o sábio deve encerrar-se em si mesmo, suspender o juízo.

Marcado pela descoberta do ceticismo moderno, Montaigne é um dos mais importantes desse contexto. Ele contribuiu para desfazer o fanatismo da época recorrendo à tradição cética em confronto com o pensamento medieval. Na Idade Média o pensamento era marcado excessivamente pela religiosidade e a explicação do mundo acontecia através da fé de matriz cristã. Em contraposição, o ceticismo moderno faz uma transição marcada pela racionalidade de uma razão autônoma, independente da fé.

A época em que o filósofo Descartes viveu foi um momento marcado por um tempo de grandes descobertas, inovações e incertezas. Nesse período do século XVII, redescobrem antigas doutrinas filosóficas e científicas através dos pensadores e artistas enquanto surge uma nova imagem geográfica do mundo. A partir daí, toda a estrutura da Europa é abalada desde a política até a religião. Novas descobertas científicas surgiram e o prestígio da Igreja Católica e o Estado foram perdendo força pelo movimento da Reforma e pelas guerras motivadas por divisão política ou religiosa. (PESSANHA, 1987, p. VIII)

Partindo desse contexto, nossa monografia ficou organizada da seguinte maneira: o primeiro capítulo foi dedicado à apresentação do ceticismo clássico. Apresentamos, de maneira sucinta, as principais correntes céticas da antiguidade, a saber, o pirronismo e a nova academia. Em seguida, abordamos o ceticismo na perspectiva moderna, trazendo à nossa discussão algumas ideias do filósofo Michel de Montaigne. Iniciamos também a discussão sobre a influência dessas duas perspectivas céticas, a antiga e a moderna, na obra de Descartes. O segundo capítulo foi dedicado a abordar com uma maior profundidade a dúvida metódica

cartesiana com o propósito de fazer uma distinção entre o ceticismo clássico e o racionalismo de Descartes.

I CAPÍTULO – CONSIDERAÇÕES SOBRE A DÚVIDA DOS CÉTICOS

Faremos neste capítulo, uma breve contextualização do Ceticismo Clássico a fim de identificarmos suas influências no suposto ceticismo cartesiano, o qual dará lugar à dúvida metódica.

I.1 Ceticismo antigo

O Ceticismo Antigo foi marcado por vários pensadores históricos da Filosofia Antiga, como exemplo, Pirro de Élis (360-270 a. C), considerado o primeiro filósofo cético, fundador do Pirronismo, Arcesilau (315-240 a. C.) e Carnéades (219-129 a. C), conhecidos como representantes do ceticismo acadêmico, ou Nova Academia. Consequentemente, nasce daí a discussão entre a Nova Academia e o Pirronismo (MARCONDES, 1994, p. 85). O Ceticismo Acadêmico se diferencia do Ceticismo Pirrônico de forma clara:

[...] os acadêmicos afirmam ser impossível encontrar a verdade, os céticos, por assim dizer ‘autênticos’, seguem buscando [...] Sexto relata que os céticos denominavam-se pirrônicos porque Pirro parece ter se dedicado ao ceticismo de forma completa e explícita que seus predecessores. (MARCONDES, 1994, p. 87)

De acordo com Marcondes (1994, p. 87), podemos identificar pelo menos duas das principais posições filosóficas que vieram a ser consideradas céticas no pensamento antigo. O primeiro é o ceticismo inaugurado por Pirro de Élis (360-270 a.C), cujo pensamento é conhecido através de fragmentos de seu discípulo Tímon de Flíeis (325-235 a.C). O segundo é o Ceticismo Acadêmico está relacionado à fase cética da Academia de Platão, iniciada por Arcesilau a partir de 270 a.C, vigorando até Carnéades (219-129 a.C) e Clitômaco (175-110 a.C), assim chamada Nova Academia. Os outros filósofos sofreram influência do ceticismo de Pirro, originando o Ceticismo Pirrônico, cuja obra destacada é de Sexto Empírico (séc. II d. C.).

Pirro é conhecido como o criador do Ceticismo, porém, o seu pensamento foi divulgado através do seu discípulo Tímon, do qual sobrevieram alguns fragmentos, pois Pirro, assim como Sócrates, nunca escreveu uma obra filosófica. Como relata Marcondes (1994, p. 89), segundo

Diógenes Laércio, possivelmente Pirro teria sido influenciado pelos “sábios nus”¹ quanto à prática do distanciamento e da indiferença às sensações. Assim foram originadas as noções céticas de *apathia* (ausência de sensação) e *apraxia* (a inação), que demonstra a tranquilidade da alma (MARCONDES, 1994, p.89).

O principal objetivo do ceticismo criado por Pirro é a sua praticidade e preocupação ética de viver tranquilamente, algo que só se consegue através de um distanciamento exercido com moderação. Dessa forma, afirma Marcondes:

O Ceticismo se caracterizaria, portanto, como um procedimento segundo o qual os filósofos em sua busca da verdade se defrontariam com uma variedade de posições teóricas (o dogmatismo). Estas posições encontram-se em conflito (*diaphonia*), uma vez que são mutuamente excludentes cada uma se pretendendo a única válida.(1994,p.92)

O percurso que leva ao ceticismo é então definido como um caminho que os filósofos realizam em busca da sua verdade e que a partir daí se defrontam com várias posições teóricas (o dogmatismo) e encontram divergências onde cada uma busca a sua validade. Assim, diante da impossibilidade de decidir, o cético suspende o juízo e, ao fazê-lo, descobre-se livre das inquietações (MARCONDES, 1994, p.93-94).

No texto *Sobre Pirro e a seita cética*, La Mothe Le Vayer² (2011, p.154) afirma que o objetivo do cético é possuir uma condição do espírito livre de toda agitação por meio da *ataraxia*, que rege as opiniões, e da *meritriopátheia*, que modera as paixões, de tal maneira que ele desfrute, de uma paz de espírito tanto com relação ao entendimento como com relação à vontade. Dessa forma, o indivíduo só encontra um estado de felicidade através da *epokhé* ou suspensão do espírito. Assim descreve Le Vayer:

E adquire-se essa *epokhé*, da qual se falou tanto, somente por meio de um exame muito cuidadoso e muito exato das aparências do verdadeiro e do falso que se encontram em todas as coisas, tanto sensíveis como inteligíveis, opondo ordinariamente umas às outras de todas as maneiras possíveis. (2011, p.154)

Assim, La Mothe Le Vayer (2011, p.155-156) afirma que toda a filosofia dos dogmáticos e acadêmicos é cética, pois o que se chama de filosofia é somente a busca da

¹ Os “sábios Nus” eram os gimnosofistas, grandes influenciadores quanto a prática do distanciamento e da indiferença às sensações (MARCONDES, 1994,p.89).

² François de La Mothe Le Vayer (1588-1672) foi um filósofo cético francês do período moderno que tentou conciliar o ceticismo antigo com a fé cristã.

verdade e isso se dá através de três maneiras de filosofar: “[...] Os dogmáticos como Aristóteles, Zenão de Cício, Epicuro e os demais se gabam de ter encontrado a verdade. Carnéades, Clitômaco e o resto daqueles da nova academia negam que essa verdade seja apreensível.” Sexto Empírico, nas *Hipotiposes pirrônicas* (2011, p. 93) por sua vez relata que o cético pirrônico Enesidemo mostrou oito modos nos quais ele pensa que a explicação dogmática é sem fundamento, mas iremos destacar os três primeiros deles nos quais explica com mais profundidade as causas principais:

O primeiro desses, ele diz, é o modo de acordo com o qual o gênero da explicação causal que concerne ao que não é aparente não encontra testemunhos concordantes com base nas coisas aparentes [...] o segundo, embora muitas vezes existam várias maneiras de explicar causalmente aquilo que é investigado, alguns explicam de uma única maneira [...] o terceiro, eles atribuem causas que não apresentam nenhuma ordem como explicação para as coisas que acontecem numa ordem determinada (SEXTO EMPÍRICO, 2011, p. 93).

O Pirronismo ganhou força com a obra de Sexto Empírico (séc. II d.C) que, possivelmente, denominou os Acadêmicos como dogmáticos negativos, buscando mostrar a originalidade e autenticidade do Pirronismo como representante do ceticismo. Assim, Sexto prossegue esclarecendo a *époche* como suspensão do juízo, sendo uma posição na qual não se afirma nem se nega algo, evitando assim o dogmatismo negativo dos Acadêmicos que afirmavam ser impossível encontrar a verdade (MARCONDES, 1994, p. 94).

O Sexto Empírico inicia com a obra *Contra os lógicos* mostrando a sua capacidade de se opor aos argumentos e suspender o juízo sobre todos os assuntos recorrentes na filosofia antiga, tais como a *physis* dos pré-socráticos, quanto à ética e a lógica de Sócrates e companhia. (SEXTO EMPÍRICO, 2013, p.197). Assim, Sexto Empírico se refere aos antigos da seguinte maneira:

De maneira implausível, comparam a filosofia com um jardim coberto de folhas, de modo que a parte da física pode ser ligada ao cume das árvores, a parte ética à suculência dos frutos, e a parte lógica à força dos muros. Outros dizem que é como um ovo; ora, a ética é como a gema, que algumas pessoas dizem que é o frango, a física é como a clara, que é comida para a gema, e a lógica é como a casca externa (SEXTO EMPÍRICO, 2013, p.198).

Segundo Empírico (2013, p.199), a Filosofia tem o propósito de buscar a verdade tendo como ponto principal os processos para distinguir o que é confiável. Assim, a lógica seria a área que contém reflexão sobre critérios e demonstrações, portanto, é nela onde devemos fazer o

nosso ponto de partida. Ao investigar se há um critério de verdade, discutiremos através de uma breve explicação o seu posicionamento. De acordo com Empírico, o critério é considerado de duas maneiras:

De uma maneira é a ele que atentamos quando fazemos algumas coisas e não outras, enquanto que, de outra maneira, é a ele que atentamos quando dizemos que algumas coisas são reais e outras não, e que aquelas coisas são verdadeiras e estas são falsas (SEXTO EMPÍRICO, 2013, p. 201).

Empírico (2013, p. 203) relata que a verdade é vista e pensada de várias maneiras por diferentes pessoas, ela é relativa em relação ao conhecimento: “[...] Tendo em vista que o que é verdadeiro não está inteiramente conectado com o conhecimento, pois o inferior e o estúpido e o insano por vezes dizem algo verdadeiro, mas não tem *conhecimento* da verdade”.

Desse modo, Empírico continua enfatizando que a pessoa que possui a verdade é considerada sábia, pois não há mentira em suas palavras, mesmo que fale de algo falso, mas se a falsidade não é pronunciada de má disposição não é considerada mentira. Dessa forma, uma pessoa pode dizer algo falso, mas de acordo a circunstância no momento pode não ser considerada mentira. Empírico utiliza os seguintes exemplos para esclarecer o seu pensamento:

O médico diz algo falso sobre a saúde da pessoa doente, e promete dar-lhe algo, mas não dá. Ele diz algo falso, mas não mente; pois é com vistas à saúde da pessoa sob seu cuidado que ele assume tal recurso. E os melhores líderes militares usualmente fabricam cartas de estados aliados para animar os soldados sob os seus comandos; eles dizem algo falso, mas não mentem, porque não fazem isto com um mal propósito. (SEXTO EMPÍRICO, 2013, p. 203)

Nesse aspecto, o cético é aquele indivíduo que indaga sobre a verdade, porém Sexto classifica-os como acadêmicos ou dogmáticos, os quais não provam ter encontrado a verdade, nem dizem que ela pode ser descoberta.

I.2 Ceticismo moderno

O pensamento moderno foi inspirado pelo ceticismo antigo, mas na modernidade ocorreram várias transformações as quais deram um novo sentido ao ceticismo antigo. No século XVI surge o grande pensador filósofo Michel de Montaigne que abordou sobre descoberta a do Novo Mundo e a revolução no mundo europeu de sua época (MARCONDES, 2012, p. 423).

Marcondes (2012, p. 431) faz algumas reflexões sobre o Novo Mundo que Montaigne nos leva a pensar: havia uma dificuldade muito grande em entender e interpretar a vida humana devido a sua diversidade e diferença cultural. Com o descobrimento do Novo Mundo essa dificuldade aumentou e se radicalizou.

O posicionamento de Montaigne frente a essa situação foi o de não se opor a essa divisão com os nativos, mas, contrariamente ele ressalta a diversidade dos costumes e de experiências humanas vivenciadas, pois “[...] A oposição com o outro cria uma identidade por oposição, homogeneizando esse ‘outro’ e apagando as diferenças” (MARCONDES, 2012, p. 431). Montaigne reage de forma diferente e mostra as variações desses costumes que formam uma pluralidade de culturas. Sobre isso observa Marcondes:

O ceticismo apresenta de um ponto de vista metodológico, uma forma de tratar essa dificuldade, preparando-nos para o novo ao nos despir dos preconceitos e nos faz ter a mente aberta diante dele e não apenas de tratá-lo por analogia ou comparação com o antigo. (2012, p.431)

Nesse sentido, Marcondes ainda diz:

Não temos como julgar os seres a partir da sua natureza enquanto bárbaros, homens puros ou seres civilizados, mas sim os seus costumes, condenando os que são cruéis e violentos, seja entre os nativos do Novo Mundo, sejam entre os europeus que comentem atrocidades, como na França por ocasião das Guerras Religiosas, em que episódios de canibalismo teriam também ocorrido por necessidade extrema durante o cerco de Sancerre. (2012, p.431)

Observamos assim que o ceticismo moderno foi talvez o momento mais importante na história do pensamento ocidental, pois foi um processo de desconstrução, como descreve Bittencourt (2018, p.108-109):

Diante da nova linguagem do mundo, a verdade revelada perde sua autoridade, a razão vira-lhe as costas, a Europa já não é o centro do mundo, a nova cartografia conquista continentes dantes desconhecidos, o cosmo hierarquizado, ordenado, esférico, cai por terra, em seu lugar, surge um novo universo, infinito, aberto, desprovido de qualquer finalidade, dotado de uma natureza mecânica, regida por uma física puramente quantitativa, cuja engrenagem, seu verdadeiro funcionamento, só se torna inteligível através da linguagem da matemática.(2012,p.432)

Essas mudanças transformaram o mundo e alteraram as coisas de lugar, o homem se tornou inseguro, sem rumo sem equilíbrio e sem encontrar a verdade. Diante desse desequilíbrio e em meio a tantas dúvidas, renasce um ceticismo.

Segundo Bittencourt (2018, p.113), o ceticismo que renasce no final da Idade Média, com destaque para Montaigne que, além de negar as verdades da filosofia dogmática, também negou a própria possibilidade de conhecer a verdade encontrando paralelos com o ceticismo antigo, em particular com o Sexto Empírico..

Montaigne se destaca, tornando-se o filósofo que, através de Sexto Empírico, incorporou o ceticismo da tradição aos seus *Ensaio*s. Ao modo dos cétricos antigos, Montaigne se opõe aos filósofos dogmáticos defensores de verdades autoritárias e de certezas absolutas. O autor retira dos filósofos e da razão humana, qualquer autoridade que possa validar o conhecimento humano. (BITTENCOURT, 2018, p.113)

De acordo com Bittencourt, o ceticismo de Montaigne é uma arma de combate contra a intenção do homem de querer tornar-se o senhor da verdade. Em contrapartida, defende as verdades reveladas que demarcam o território da religião. (BITTENCOURT, 2018, p.144)

Para Montaigne, só por puro orgulho, vaidade ou loucura, pode o homem, através do raciocínio, requerer para si a tutoria da verdade. Essa prepotência do homem que deve ser combatida, pois o homem deve ser humilhado, destituído de tal arrogância, e se colocar no seu devido lugar, em sua nulidade absoluta (BITTENCOURT, 2018, p.115).

Descartes conviveu com o domínio do espírito cétrico no período do século XVII, mas o seu posicionamento em relação ao ceticismo foi muito diferente do que era esperado: “[...] com absoluta autonomia, com um distanciamento crítico, informando a sua independência a qualquer pensamento que não tenha sido originado na autonomia da singularidade do cogito” (BITTENCOURT, 2018, 117).

Descartes supera a crise da sua época e toma uma nova direção. Para ele, era necessário enfrentar o ceticismo com a possibilidade de vencê-lo. Para que isso ocorresse com êxito, o filósofo entende que o progresso do conhecimento humano depende do resultado do enfrentamento. Sobre isso, diz Bittencourt: “A conquista da verdade, é, ao mesmo tempo, a conquista do homem e, como consequência, a conquista do mundo”. (BITTENCOURT, 2018, p.120)

Vale ressaltar que em um momento, Descartes é influenciado pelos cétricos. Isso é visto na Primeira Parte do livro *Discurso do Método*, Primeira Parte, nas *Meditações*, Primeira Parte “Das coisas que se podem Colocar em Dúvida”. Descartes, igualmente aos cétricos, faz a suspensão do juízo. Desse modo o filósofo diz:

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados, não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo firme de firme e de constante nas ciências (DESCARTES, 2005, p. 29).

Não obstante essa grande influência na mudança de comportamento em relação ao conhecimento que o ceticismo exerce sobre os pensadores modernos, especialmente em Descartes, é na Terceira Parte do *Discurso do Método* que o filósofo relata sua distinção em relação aos céticos:

Não que imitasse, para tanto, os céticos, que duvidam apenas por duvidar e afetam ser sempre irresolutos: pois, ao contrário, todo o meu intuito tendia tão somente a me certificar e remover a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha ou argila (DESCARTES, 1987, p. 44).

Diante dessa situação, esse é o momento no qual o filósofo prepara o espírito para conhecer a verdade. Diferentemente dos céticos que duvidam só por duvidar, a dúvida de Descartes vai além desse primeiro momento pois ela se transforma em um método, um caminho que a razão percorre para encontrar a verdade das coisas a fim de eliminar a própria dúvida.

Nesse sentido, segundo Bittencourt (2018, p.123) a vitória do ceticismo dependeria do fracasso da razão, mas Descartes assume o seu posicionamento e o ceticismo torna-se um método. Enfrentando a dúvida pela dúvida até obter a primeira certeza o ceticismo radical perde força. Esse método de Descartes torna-se critério de verdade da validade do conhecimento humano. Dessa forma, Bittencourt enfatiza:

Se para os céticos, a dúvida é um estado natural do próprio pensamento, para Descartes, a dúvida é só um método, uma arma da qual todo homem ‘dotado de bom senso’, deve usar para guerrear contra os preconceitos e os prejuízos do espírito. É o meio através do qual o homem, libertando-se das representações derivadas do mundo físico, do qual era prisioneiro, volta-se para contemplar o sol da razão natural. (2018, p.123)

Desse modo, Bittencourt afirma que se alguém quiser duvidar, que duvide de forma radical, que não duvide apenas por duvidar, mas que duvide com o propósito de encontrar uma base segura para erguer todo o saber, sem que a dúvida possa alcançá-la.

Descartes procurava através do seu método, por um fim a sua dúvida, pois a conquista da verdade seria um ponto final para as suas inquietações. No entanto, a verdade derivada do seu método teria que ser absoluta e radical para que não gerasse nenhuma incerteza motivada pela posição cética.

Bittencourt, (2018, p.127) descreve a primeira verdade encontrada por Descartes para a derrota do ceticismo: “A conquista do cogito, primeira verdade indubitável, sobre a qual será deduzida a verdade de todas as outras coisas [...] Descartes pôde finalmente anunciar ao mundo uma nova filosofia fundamentada e garantida na autonomia do cogito”. Assim Descartes encontra uma verdade do qual não há como duvidar.

No capítulo seguinte mostraremos como a dúvida metódica é um procedimento metodológico diferente da dúvida cética que é uma concepção filosófica por princípio.

II CAPÍTULO - CONSIDERAÇÕES SOBRE A DÚVIDA METÓDICA CARTESIANA

Neste capítulo, analisaremos a construção da dúvida metódica de René Descartes observando, para tanto, conceitos básicos através de suas obras principais que tratam do tema do método, a saber: *As Regras para a Direção do Espírito*, *O Discurso do Método* e as *Meditações Metafísicas*. Nosso objetivo é o de confrontar a dúvida cética com a dúvida metódica cartesiana, ressaltando as distinções e possíveis aproximações entre ambas.

Retomando uma passagem da Primeira Meditação, Descartes (2005, p. 29) diz pretender “[...] começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências”. Veremos adiante que através da dúvida metódica existe uma possibilidade de encontrarmos a verdade absoluta, ao contrário, portanto, da perspectiva cética clássica.

II. 1 Regras para a orientação do espírito

A obra *Regras Para a Orientação do Espírito* é a representação geral das reflexões sobre a relação da matemática e do método cartesiano. Antes de escrever sua obra filosófica as *Meditações*, outros textos importantes preparam sua escrita. *As Regras para a direção do Espírito* é um desses textos, juntamente com três ensaios científicos aos quais precede o *Discurso do método: a Dióptrica, os Meteoros, a Geometria*, bem como *Tratado do homem* (SANTIAGO, 2005, p. XI). As *Regras* são um conjunto de normas criadas por Descartes para a aplicação do método, tomando inicialmente por falso tudo aquilo que é dito verdadeiro, em busca de um conhecimento seguro.

Em sua Primeira Regra, Descartes (1999, p. 2) fala inteiramente das ciências que são baseadas no conhecimento intelectual, e as artes que exigem certa disposição do corpo. Segundo o filósofo, o ponto principal da Primeira Regra são as ciências, que devem ser utilizadas pelas pessoas de forma racional sem distinção dos assuntos sobre os quais são aplicadas (DESCARTES, 1999, p. 2). O filósofo também afirma que o rompimento das ciências vem das artes, onde é notável que aqueles que se dedicam a conhecer várias delas, poderiam ser melhores artistas se se concentrassem somente em uma. Mas contrariando essa situação, essa regra não pode funcionar nas ciências, pois a busca pelo conhecimento de uma verdade proporciona a descoberta de outra. Isso significa que as ciências dependem umas das outras e dá a ideia de um conjunto de elementos ligados entre si. Assim, Descartes descreve:

Cumprer crer que todas as ciências são tão ligadas entre si que é muito mais fácil aprendê-las todas juntas do que separar apenas uma delas das outras. Portanto, se alguém quer procurar seriamente a verdade, não deve escolher uma ciência específica: todas elas são unidas entre si e dependem umas das outras (DESCARTES, 1999, p.4).

Na Segunda Regra Descartes (1999, p. 5) afirma que toda ciência é um conhecimento certo e evidente que leva o indivíduo a conhecer a verdade. E assim continua o seu argumento:

Um homem que duvida de muitas coisas não é mais douto do que aquele que nunca pensou nelas; ele o é menos do que este, se formou sobre algumas uma opinião errada. Por isso, é melhor nunca estudar do que ocupar-se com objetos tão difíceis que, sem poder distinguir o verdadeiro do falso, sejamos forçados a admitir como certo o que é duvidoso, pois então não há tanta esperança de aumentar a instrução quanto há perigo de diminuí-la (DESCARTES, 1999, p. 5).

No decorrer da sua obra, Descartes enfatiza que é necessário abandonar todo o conhecimento que não é verdadeiro e confiar somente nas coisas completamente conhecidas e com fontes válidas que não levantem dúvidas. Isso o filósofo enfatiza nas *Meditações*, “tomar tudo o que é duvidoso como falso” (DESCARTES, 2005, p. 30). Também é relatado no *Discurso do método*, na Segunda Parte: “jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal” (DESCARTES, 1987, p. 37). Para o filósofo, talvez por alguma falha, os letrados se convencessem que há poucos desses conhecimentos, porque um defeito comum ao gênero humano lhes fez negligenciar (DESCARTES, 1999, p.6). Opondo-se a esses pensamentos Descartes, afirma que [...] esses conhecimentos muito mais numerosos do que eles pensam e bastam, assim, para demonstrar de uma maneira certa inumeráveis proposições, sobre quais eles só puderam racionar até agora de maneira provável (DESCARTES, 1999, p.6).

Assim, ao observar esta regra o filósofo declara que é pouco provável que alguém se dedique e encontre alguma questão nas ciências para desenvolver um conhecimento sólido, pois é difícil haver acordo entre os homens. Nesse caso Descartes, escreve:

Mas, toda vez que dois homens formulam sobre a mesma coisa juízos contrários, é certo que um ou o outro, pelo menos, esteja enganado. Nenhum dos dois parece mesmo ter ciência, pois, se as razões de um fossem certas e evidentes, ele as poderia expor ao outro de maneira que acabasse por lhe convencer o entendimento (DESCARTES, 1999, p. 6).

Dessa forma, a reflexão cartesiana conclui que somente a geometria e a aritmética são modelos definitivos e indubitáveis: “[...] Desse modo, se nosso cálculo está exato, é apenas à aritmética e à geometria, dentre as ciências já encontradas, que nos reduz a observação de nossa regra” (DESCARTES, 1999, p.7).

Na Terceira Regra, Descartes (1999, p.11) afirma em relação aos objetos considerados que devem ser investigados não os que os outros pensam ou suspeitam, mas aquilo que temos por intuição com clareza e distinção ou que podemos deduzir com certeza: não é de outro modo, de fato, que se adquire a ciência. Dessa forma, o filósofo nos instrui a ler os livros dos antigos para aproveitarmos os trabalhos, ora pra conhecer as invenções dos sábios, ora pra nos mantermos informados. Assim, a filosofia deve ser pensada de forma nova, como argumenta Descartes:

Nunca nos tornaremos Matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e de Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido não ciências, mas histórias (DESCARTES, 1999, p.12).

Descartes afirma que para não cometermos os mesmos erros e alcançarmos o entendimento, existem somente dois atos a se admitir, a saber: a intuição e a dedução. Desse modo o filósofo define intuição do seguinte modo:

Por *intuição* entendo não a confiança instável dada pelos sentidos ou o juízo enganador de uma imaginação com más construções, mas o conceito que a inteligência pura e atenta forma com tanta facilidade e clareza que não fica absolutamente nenhuma dúvida sobre o que compreendemos (DESCARTES, 1999, p.14, grifo do autor).

Em seguida, Descartes diferencia intuição e dedução.

Portanto, aqui distinguimos a intuição, intelectual da dedução certa pelo fato de que, nesta, concebe-se uma espécie de movimento ou de sucessão, ao passo que naquela não se dá o mesmo; ademais, a dedução não requer, como intuição, uma evidência atual, mas, ao contrário, extrai de certa maneira sua certeza da memória [...] quanto aos próprios primeiros princípios, eles são conhecidos somente por intuição e, ao contrário, suas conclusões distantes só o são por dedução. (DESCARTES, 1999, p.16).

Observa Descartes (1999, p. 16), nesse sentido, que a distinção entre a intuição intelectual e a dedução ocorre por uma espécie de movimento ou de sucessão, ao passo que naquela não se dá o mesmo.

Na Quarta Regra, Descartes (1999, p. 19) afirma que é necessário um método para a busca da verdade. No entanto, faz uma crítica aos estudiosos e grande parte dos filósofos que buscam a verdade através de procedimentos confuso, sem a utilização de um método adequado: “[...] melhor pensar em procurar a verdade de alguma coisa a fazê-lo sem método: é de veras certo, de fato, que os estudos desse tipo, feitos sem ordem, as meditações confusas obscurecem a luz natural e cegam os espíritos” (DESCARTES, 1999, p.19). Desse modo, o filósofo descreve o seu conceito de método:

Quanto ao método, entendo por isso regras certas e fáceis cuja exata observação fará que qualquer um nunca tome nada de falso por verdadeiro, e que, sem despendar inutilmente nenhum esforço de inteligência, alcance, com um crescimento gradual e contínuo de ciência, o verdadeiro conhecimento de tudo quanto for capaz de conhecer (DESCARTES, 1999, p.20).

Descartes (1999, p. 20) nos orienta a utilizar o método para não cometermos os mesmos erros daqueles estudiosos que apresentam um argumento sem fundamento sólido. Seguindo essa explicação, o filósofo destaca dois pontos importantes que devem ser observados: não pôr seguramente nada de falso no lugar do verdadeiro e alcançar o conhecimento de tudo.

Após esta breve apresentação das ideias cartesianas concernentes ao método presentes nas *Regras*, partiremos para outras considerações sobre o método no *Discurso*.

II. 2 - O Discurso do método

Descartes, durante um longo período de inverno numa nevasca, dedicou todo o seu tempo para analisar e admirar as mais belas construções da época de 1619 e resolveu compará-las com a construção da ciência. O filósofo estava convicto que ele era o arquiteto que fundaria os alicerces da verdade diante das opiniões acumuladas pelo tempo e pela dúvida. O objetivo do filósofo nessa obra *O Discurso do Método*, foi criar o seu próprio método para direcionar a sua própria razão na possibilidade de adquirir um conhecimento claro e seguro que fosse útil para a sua vida e para as ciências em geral (PESSANHA, 1987, p. VII).

Na Primeira Parte do *Discurso*, Descartes faz algumas objeções sobre as ciências e cria um método com intuito de apresentar argumentos baseados em suas próprias razões a fim de

alcançar êxito na busca da verdade. Na realidade, seu objetivo não era ensinar a forma como o indivíduo deveria agir pela razão. O filósofo cria um método prático, digno de ser seguido e imitado por qualquer pessoa que queira diferenciar o falso do verdadeiro, independente de qualquer situação, para mostrar de forma narrativa como esse método serviu para guiar a sua vida e encontrar uma solução para os seus questionamentos. A evolução do seu método lhe permitiu ampliar o seu conhecimento, sobre isso diz o filósofo:

O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar bem provido dele, que mesmo os que são difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm [...] Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem (DESCARTES, 1987, p. 29).

Aqui o filósofo diz que para o bem a razão é um privilégio natural que todos os indivíduos possuem na mesma proporção. Mas ter só uma mente saudável não é suficiente, o importante, segundo Descartes, é ter a mente favorecida com o uso da razão, ou seja, é preciso saber usá-la bem. Pois, a depender da forma como ela é utilizada, pode ser influenciada pelos costumes.

Dessa forma, o que torna os homens diferentes uns dos outros é a capacidade de diferenciar o verdadeiro do falso, caso contrário, os homens se tornam iguais na forma de pensamento sobre isso escreve: “a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas” (DESCARTES, 1987, p. 29).

Assim Descartes, ao analisar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, percebeu que a maioria deles eram opiniões sem fundamentos, o que o levou a seguir o caminho da dúvida metódica, e a partir daí desenvolver um conhecimento próprio através do uso da razão. Contudo, ele escreve: “quanto a mim, jamais presumi que meu espírito fosse em nada mais perfeito do que comum; amiúde desejei mesmo ter o pensamento tão rápido, ou a imaginação tão nítida e distinta, ou a memória tão ampla ou tão presente, quantos os outros” (DESCARTES, 1987, p.29).

Descartes nunca quis mostrar superioridade em relação aos outros indivíduos, mas ele mostra que foi guiado pela razão com muito esforço em busca da verdade. Ele era um estudioso que apreciava as ciências e “[...] estava enamorado da poesia; mas pensava que uma e outra eram dons do espírito, mais do que frutos do estudo” (DESCARTES, 1987, p. 31).

Descartes admirava a matemática pelo fato dela atribuir a mente argumentos verdadeiros isenta de defeitos. Mas em meio à dúvida de não saber o verdadeiro emprego da matemática, o filósofo ficou surpreendido, pois ela estava sustentada em uma base sólida, porém não apresentava nada de diferente sobre ela. O desejo dele era encontrar uma ciência capaz de oferecer uma certeza absoluta. Desse modo, Descartes escreve:

Comprazia-me, sobretudo com as matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões; mas não notava ainda seu verdadeiro emprego, e, pensando que serviam apenas as artes mecânicas, espantava-me de que, sendo seus fundamentos tão firmes e tão sólidos, não tivesse edificado sobre eles nada de mais elevado (DESCARTES, 1987, p. 32).

Descartes compara a edificação do conhecimento das ciências com as edificações construídas pelos soberanos e magníficos, erigidos apenas sobre a areia e sobre a lama (DESCARTES, 1987, p.32), observa o filósofo que eles exaltam o que chamam por virtudes, como se fossem as coisas mais importantes existentes no mundo, mas que não passam de insensibilidade, pois não ensinam de forma satisfatória e fundamentada.

Descartes (1987, p.32), diz que a Teologia, por exemplo, tinha o ofício de ganhar o céu, mas se a teologia de um filósofo era ganhar o céu com ela, ele nota que o céu está disponível para todos, tanto para os sábios, quanto para os ignorantes e que as verdades reveladas estão acima de nossa inteligência humana. Assim, o filósofo não ousaria submeter às verdades eternas à fraqueza dos raciocínios.

Em relação à Filosofia, Descartes escreve:

Nada direi, senão que, vendo que foi cultivada pelos mais excelsos espíritos que viveram desde muitos séculos e que, no entanto, nela não se encontra ainda uma só coisa sobre o qual não se dispute e, por conseguinte que não seja duvidosa, eu não alimentava qualquer presunção de acertar melhor do que os outros (DESCARTES 1987, p.32).

A respeito das outras ciências na medida em que tomam seus princípios da Filosofia, Descartes (1987, p.32) afirma que não seria possível construir nada que fosse sólido sobre fundamentos tão pouco firmes. E por fim, o filósofo faz uma análise com o propósito de conhecer h a sua legitimidade para não ser enganado por elas. Escreve ele:

E enfim, quanto às más doutrinas, pensava já conhecer o que valiam, para não mais estar exposto a ser enganado, nem pelas promessas de um alquimista, nem pelas predições de um astrólogo, nem pelas imposturas de um mágico,

nem pelos artifícios ou jactâncias de qualquer dos que fazem profissão de saber mais do que sabem (DESCARTES, 1987, p.33).

A partir do momento que Descartes (1987, p.33) cumpriu a sua missão de analisar todas as ciências em busca de um conhecimento que lhe garantisse encontrar a verdade, decidiu viajar e não procurar novos conhecimentos, além daquela que se poderia encontrar nele mesmo ou no “grande livro do mundo”. Em suas viagens, descobriu que encontrava mais verdade nos negócios que fazia, e mais importância para ele do que ficar em um gabinete com diploma de letrado. Diz Descartes (1987, p.33), que um homem letrado fechado em um gabinete, as suas especulações não geram nenhum efeito, só resulta em vaidades e se distancia do senso comum.

Mas em suas viagens Descartes declara que não ficou satisfeito com as experiências vividas durante a sua trajetória. Descobriu que as opiniões dos homens eram sempre as mesmas dos filósofos que ele encontrara anteriormente. O filósofo descreve o que ele tirou de proveito nessa empreitada:

De modo que o maior proveito que daí tirei foi que, vendo uma porção de coisas que, embora pareçam extravagantes e ridículas, não deixam de ser comumente acolhidas e aprovadas por outros grandes povos, aprendi não crer demasiado firmemente em nada do que me fora inculcado só pelo exemplo e pelo costume; e assim pouco a pouco, librei-me de muitos erros que podem ofuscar a nossa luz natural e nos tornar menos capazes de ouvir a razão (DESCARTES, 1987, p. 33).

Finalmente depois de alguns anos de estudos no “livro do mundo,” Descartes (1987, p. 33), com intuito de adquirir alguma experiência, tomou uma decisão importante: a de estudar a si mesmo e empregar todas as forças do seu espírito na escolha do caminho que deveria seguir. Ele percebeu que essa decisão trouxe mais resultado do que se estivesse junto de seu país e dos seus livros.

Na Segunda Parte do *Discurso*, Descartes reforça as regras do método outrora apresentadas nas *Regras*, argumentando que as ciências não conseguiram demonstrar um fundamento sólido, levando em consideração as opiniões de várias pessoas, e para adquirir um conhecimento verdadeiro é necessário livrar-se de qualquer conhecimento adquirido anteriormente. Assim, o filósofo declara:

E assim pensei que as ciências dos livros, ao menos aquelas cujas razões são apenas prováveis e que não apresentam quaisquer demonstrações, pois se compuseram e avolumaram pouco a pouco com opiniões de mui diversas

peçoas, não se acham, de modo algum, tão próximas da verdade quanto os simples raciocínios que um homem de bom senso pode efetuar naturalmente com respeito às coisas que se apresentam (DESCARTES, 1987, p.35).

Segundo Descartes (1987, p. 37), era necessário encontrar um método que alcançasse os benefícios da Filosofia, da Lógica, da Matemática, a análise da Geometria e da Álgebra, porém esse método deveria ser completo e livre de falhas. Desse modo, ao invés de enumerar uma grande quantidade de preceitos que compõem a Lógica, o filósofo julgou necessário destacar apenas quatro deles com a possibilidade de não deixarmos de observá-los. São eles:

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal [...] O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las [...] O terceiro, o de conduzir por ordens meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos [...] E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir (DESCARTES, 1987, p. 37-38).

Esse método criado por Descartes foi baseado na Geometria e Matemática, fundamentos que sustentam o seu pensamento. Ao observar esses quatro preceitos básicos, o filósofo afirma que a Matemática, especificamente a Geometria, ciência na qual ele mais se dedicou com maior ênfase, possui um aspecto gradativo que parte do menos ao mais complexo (DESCARTES, 1987, p.40).

Através do método de Descartes, a matemática ficou fortalecida fornecendo uma base para o desenvolvimento de um novo entendimento visando com isso alcançar a verdade “[...], pois, enfim, o método que ensina a seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza às regras da aritmética” (DESCARTES, 1987, p. 40).

Passemos, no próximo tópico, à análise das *Meditações* e sua contribuição definitiva ao método cartesiano.

II.3 As Meditações

Segundo Homero Santiago (2005, p. X) as *Meditações* são objeções feitas por Descartes em resposta ao antigo sistema institucionalizado do século XVI, com a proposta de fundar um

novo saber para todo o mundo cristianizado. Elas contrariam o modelo de ensino religioso institucionalizado do Ocidente cristão, o qual recebeu o nome de “escolástica”, herdado do aristotelismo. Descartes, ao escrever as *Meditações*, estabelece uma forma radical de raciocínio e vai no fundo, ou seja, na raiz da árvore da filosofia: “toda a filosofia, é como uma árvore cujas raízes são a metafísica” (SANTIAGO, 2005, p.XIII).

No período de 1641 a 1642, as *Meditações* ganharam destaque e aprovação dos doutores, pelos quais a obra foi avaliada e donde nasceram seis intervenções. Na primeira edição, e mais tarde um ano depois foi acrescentada mais uma intervenção. Descartes, respondeu a todas as intervenções que os sábios fizeram, esclarecendo, através de um diálogo filosófico, o seu pensamento, influenciando as pessoas da sua época (SANTIAGO, 2005, p. X).

Desse modo, as *Meditações* se destacam na história da filosofia como a proposta de estabelecer uma reconstrução da ciência fundamentada em busca de uma verdade concreta das coisas, livre de dúvidas, “[...] não chega ela a perder o essencial de seu vigor, cujos componentes intelectuais e culturais podem ser apreciados pelo leitor de qualquer época”. (SANTIAGO, 2005, p. XI).

As *Meditações* são um sistema completo de conhecimento, onde Descartes discute os seus princípios e cria conceitos. Trata-se da obra cartesiana mais importante e mais completa onde está toda a sua dedicação sobre o conhecimento da metafísica, física, a anatomia e outros (SANTIAGO, 2005, p.XII).

Ao analisarmos a Primeira Meditação, “das coisas que se podem colocar em dúvida”, podemos perceber que há uma desconstrução de todos os conhecimentos adquiridos ao longo da vida do filósofo, através da dúvida. Assim, Descartes começa novamente desde os princípios, de forma a “estabelecer algo de firme e constante nas ciências” (DESCARTES, 2005, p.29).

Dessa maneira, o filósofo constrói uma dúvida radical na qual é denominada hiperbólica com a possibilidade de examinar e duvidar de qualquer motivo, por menor que seja, mas que não lhe apresente mais segurança. Analisando os princípios das “coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis” (DESCARTES, 2005, p.30) o filósofo põe a dúvida em ação. A partir daí inicia-se o projeto cartesiano em que Descartes desconectou tudo o que era considerado certo e duvida radicalmente daquilo que pode lançar alguma coisa como certa.

Descartes inicia sua argumentação da dúvida metódica questionando os sentidos. Diz ele que os sentidos não são uma fonte segura do conhecimento, pois eles são enganosos. Observa Descartes, toda ciência baseada nos sentidos é insegura, visto que a validade do conhecimento que nos vêm pelos sentidos é passível de falhas. Diz ele sobre isso:

Tudo o que recebi, até presentemente, como mais verdadeiro e seguro, aprendi-o pelos sentidos ou pelo sentido: Ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez (DESCARTES, 2005, p. 31).

Desse modo, Descartes, ao duvidar dos sentidos, nos leva a refletir que não é bom confiarmos inteiramente em nossos sentidos, pois eles são passíveis de erros e podem nos enganar durante toda a vida, porque é certo que já nos enganaram ao menos uma vez.

Ainda em processo de dúvida, Descartes elabora o “argumento do sonho”, baseado em fundamentos céticos que colocam em dúvida o conhecimento da realidade das coisas e a possibilidade de separar a vigília do sono. Dessa forma, Descartes expõe o argumento:

E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo. (DESCARTES, 2005, p. 33).

Através do argumento do sonho, o filósofo questiona o mundo exterior com elementos céticos encontrados tanto nos renascentistas quanto nos antigos. Esse argumento é o que diferencia dos demais pensadores, pois em sua época, Descartes adquire autonomia para questionar o mundo exterior. Todavia, podemos analisar outros argumentos como, por exemplo, de Platão³, Pirro de Élis, Sexto Empírico e Montaigne, os quais se diferem do ceticismo da dúvida metódica de Descartes, um argumento original que ganha força no âmbito do pensamento moderno.

Ao comparar a realidade com um sonho, o argumento cartesiano continua decisivo, pois supõe que talvez a realidade não seja como nós a percebemos, ou mesmo que ela não passe de sonho, que todas as coisas sejam apenas representações, ou seja, que não exista mundo exterior, pois seria ilusão produzida pela nossa mente. Nesse caso, a dúvida é referente à existência das coisas materiais, principalmente do corpo.

Assim, em relação às demais coisas, na Primeira Meditação, Descartes não consegue diferenciar sono de vigília; se há de fato a possibilidade de existir o estado de vigília, também não conseguimos diferenciar estado de vigília e sono, porque tudo que sentimos acordados podemos sentir dormindo. Nesse sentido, independentemente de estarmos dormindo ou

³ Platão não foi considerado um cético, mas ele apresenta em seus diálogos alguns fundamentos relacionados ao ceticismo (MARCONDES, 1994, p. 86).

acordados, tudo o que acontece ao nosso redor parece não passar de alucinações criadas pela nossa mente e a realidade exterior seria idealizações. Sobre isso escreve::

Suponhamos então, agora, que estamos adormecidos e que todas essas particularidades, a saber, que abrimos os olhos, que remexemos a cabeça, que estendemos as mãos, e coisas semelhantes, são apenas falsas ilusões; e pensemos que talvez nossas mãos, e também todo nosso corpo, não são tais como vemos (DESCARTES, 2005, p.33).

Às vezes, os sonhos são tão próximos da nossa realidade que parecemos vivenciar certas situações absolutamente reais como no mundo exterior, mas que não passam de reproduções mentais. “[...] Quantas vezes aconteceu-me sonhar, à noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse nu em minha cama?” (DESCARTES, 2005, p.33).

Todavia, ainda tratando sobre o argumento do sonho, Descartes não afirma que está sonhando, apenas supõe que talvez esteja dormindo. Dessa forma, o argumento do sonho não afirma e nem distingue o estado em que o filósofo se encontra, apenas suspeita. Trata-se, portanto, de mais uma etapa da dúvida metódica. E, assim declara:

Vejo tão manifestamente que não há indícios concludentes nem marcas bastante certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que fico espantado e meu espanto é tal que é quase capaz de persuadir-me de que eu durmo [...] Suponhamos então, agora, que estamos adormecidos. (DESCARTES, 2005, p.33).

O propósito de Descartes na Primeira Meditação é, assim, apenas construir uma dúvida e isso implica dizer que nesse momento ele não pretende provar nada, pois não trata a realidade exterior como verdadeira ou falsa. Aqui o filósofo apenas cria uma hipótese em relação às coisas e segue o caminho da dúvida, desfazendo-se dos ensinamentos que outrora recebera para conseqüentemente adquirir como resultado um saber científico, um mecanismo que é fruto do questionamento, da sua dúvida. Mas, tendo em vista buscar a verdade, o filósofo continua duvidando e nesse processo segue com o objetivo de apresentar algo concreto, fundamentado nas ciências.

No final da Primeira Meditação, observa-se a estabilidade da dúvida e a hipótese radical de um gênio maligno capaz de iludi-lo o tempo todo. Primeiramente, Descartes cria a figura de um Deus enganador e, posteriormente, dito maligno, a fim de levar a dúvida às últimas conseqüências. Se Deus é entendido como onipotente, então esse mesmo Deus poderia desejar

que nos enganássemos até com as sentenças matemáticas, que é a ciência estabelecida em bases sólidas e verdadeiras. Nesse sentido, o filósofo escreve: “Pode ocorrer que ele tenha querido que eu me engane todas as vezes que faço a adição de dois ou três, ou que o número dos lados de um quadrado, ou que julgo alguma coisa ainda mais fácil, caso se possa imaginar algo mais fácil que isso” (DESCARTES 2005, p. 36).

A estratégia de Descartes nesse argumento é nos levar a refletir e mostrar que as opiniões podem ser falsas e necessitam ser verificadas até que sejam comprovadas como verdadeiras. Talvez o filósofo tenha utilizado esse nome Deus enganador ou gênio maligno para nos despertar a respeito do quanto podemos nos enganar em relação aos nossos princípios. Dessa forma, Descartes argumenta: “[..]suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte de verdade, mas certo gênio maligno, não menos astuto e enganador que poderoso, que empregou toda sua indústria em enganar-me” (DESCARTES, 2005, p.38).

Com a hipótese da existência de um gênio maligno, a dúvida se torna generalizada sobre todos os conhecimentos e a partir daí, o filósofo tende a aceitar como falso tudo o que era passível de ser duvidoso. Assim, Descartes se apoia sobre esse pensamento para chegar a uma conclusão que parece aproximá-lo muito dos céticos clássicos, a saber: “[...] e se, por esse meio, não está em meu poder alcançar o conhecimento de alguma verdade, pelo menos está em meu poder suspender meu juízo” (DESCARTES, 2005, p.38). A dúvida metódica surge a partir de um comportamento cético de crenças e opiniões.

Segundo Marcondes, (2018, p.87) a posição cética, caracteriza-se pela suspensão do juízo quanto à possibilidade ou não de algo ser verdadeiro ou falso. Nesse sentido, a influência do ceticismo impulsionou Descartes a buscar os fundamentos da ciência ao aplicar o seu método sistemático sobre todo o conhecimento para descobrir a verdade absoluta das coisas. Mas, se o objetivo da Primeira Meditação foi instalar a dúvida sobre todo o conhecimento, o filósofo não pretendeu permanecer no estado de suspensão dos juízos, tal como os céticos. Seu objetivo sempre foi o de buscar em seus princípios uma verdade baseada na razão. O que será tratado na Segunda Meditação.

Partindo para Segunda Meditação, “Da Natureza do espírito e de como ele é mais fácil de conhecer que o corpo”, o processo do sujeito da dúvida é exposto como substância pensante que admite a sua existência, nascendo daí a descoberta da primeira certeza: “eu sou” (*cogito*). O filósofo descobre que é capaz de compreender o seu pensamento sem a ajuda de algo superior e entende de fato que ele existe. Assim, a única prova existente no momento é que ele é um ser pensante. A descoberta da primeira certeza quebra, assim, o ciclo da dúvida metódica,

revelando o momento exato em que a argumentação de Descartes se distancia do ceticismo clássico. Assim descreve o filósofo:

De sorte que, após ter pensado bem nisso e ter cuidadosamente examinado todas as coisas, é preciso enfim concluir e ter por constante que esta proposição *Eu Sou, eu Existo*, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 2005, p.43, grifos do autor).

Nesse contexto, Descartes utiliza o argumento do cogito “*Eu sou, eu existo*” para mostrar que o simples fato dele estar pensando já é o conhecimento da sua própria existência: “[...] verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; somente ele não pode ser separado de mim. Eu sou eu existo: isto é certo” (DESCARTES, 2005, p.43). A segunda certeza encontrada nesse argumento é “*o que sou*”. Descartes se refere à sua existência como algo que pensa, mas não especifica este algo. “Mas o que é que sou então? Uma coisa que pensa. O que é uma coisa que pensa? Isto é uma coisa que duvida que concebe que afirma que nega que quer que não quer que imagina também e que sente” (DESCARTES, 2005, p.47-48).

É fundamental ressaltarmos na Terceira Meditação a existência “De Deus; que ele existe”. A prova da existência de Deus aparece na Terceira Meditação baseada em um argumento filosófico. Aqui esse Deus é visto como o causador da ideia de perfeição em nós, a sua existência é capaz de garantir que o filósofo não se engane em relação à existência do mundo exterior. “E, portanto, parece-me que já posso estabelecer como regra geral que as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras” (DESCARTES, 2005, p.58). Ao analisar seus pensamentos, o filósofo reduz as ideias a três tipos: inatas, ideias encontradas em nosso entendimento sem apelo à experiência, possuindo essência profunda e imutável, as quais justificam o nosso saber científico. Adventícias, ideias produzidas através dos sentidos, e as factícias, aquelas originadas da nossa própria imaginação e pelos sentidos, elas nos permitem imaginar coisas nunca vista anteriormente. Assim, Descartes declara:

Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e é apenas a estes que convém propriamente o nome da ideia: como quando me represento um homem, ou uma quimera, ou o céu, ou um anjo, ou mesmo Deus [...] Ora, dessas ideias, umas parecem-me ter nascido comigo, outras me ser estranhas e vir de fora, e as outras feitas e inventadas por mim mesmo (DESCARTES, 2005, p.60-61).

Ao confirmar que o pensamento envolve ideias e que ideias são pensamentos de coisas, Descartes (2005) as caracteriza como imagens que são representantes de coisas diferentes entre

si, percebidas pelo espírito, sendo, pois, independentes dos objetos que as representam. Assim, as ideias verdadeiras estão garantidas com a certeza de um Deus, um ser perfeito, confiável, que é o alicerce metafísico de toda a Verdade. Dessa forma, só Deus pode garantir à veracidade dessas ideias as quais se se apresentam de forma perfeita, percebidas pelo intelecto e colocadas em nós por um Deus confiável. Sobre isso, diz o filósofo:

A saber, se tais ideias são tomadas apenas na medida em que são de certas formas de pensar, não reconheço entre elas nenhuma diferença ou desigualdade, e todas parecem proceder de mim de uma mesma maneira; mas, considerando-as como imagens, das quais umas representam uma coisa e as outras uma outra, é evidente que são muito diferentes uma das outras [...] Ademais, aquela pela qual concebo um Deus soberano, eterno, infinito, imutável, onisciente, onipotente e criador universal de todas as coisas que estão fora dele; aquela, digo, tem certamente em si mais realidade objetiva do que aquelas pelas quais as substâncias finitas me são representadas (DESCARTES, 2005, p.65).

A primeira prova da existência de Deus constitui-se em apresentar que existe em nós a ideia de um ser perfeito e infinito. A segunda prova se dá pela realidade objetiva da ideia, princípio de causalidade. Dessa forma, Descartes declara que é necessário existir uma causa formal que liga as ideias de infinito. E se, a causa é infinita então, a própria substância é infinita contendo a realidade objetiva de sua ideia. Assim, Descartes escreve:

Pelo nome Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente, e pela qual eu mesmo, e todas as outras coisas que existem (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas [...] E, por conseguinte, é preciso necessariamente concluir de tudo o que disse anteriormente que Deus existe. (DESCARTES, 2005, p.72)

Segundo Descartes (2005, p.72), ainda que a ideia de substância esteja nele, pelo fato dele ser uma substância, ainda assim ele não teria a ideia de substância infinita porque ele é um ser finito. Dessa forma o filósofo prossegue argumentando: “Ao contrário, vejo manifestamente que se encontra mais realidade na substância infinita do que na substância finita, e, portanto, que tenho de alguma forma em mim primeiro a noção do infinito do que do finito, ou seja, de Deus, do que de mim mesmo” (DESCARTES 2005, p.72).

A função da dúvida cartesiana é desfazer todas as opiniões antigas que até então o filósofo dera crédito. Assim, a incerteza surge a partir de um questionamento do conhecimento

dos seus princípios com o uso da razão. Descartes buscou nas *Meditações* a certeza e em função dela iniciou uma investigação filosófica a fim de encontrar uma verdade absoluta das coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do pensamento cartesiano, percebemos que se destaca neste contexto a descoberta de um sujeito pensante que manifesta uma crítica aos seus princípios e os questiona desejando encontrar a verdade. Desse modo, duvidar de algo falso que antes era visto como verdadeira é a expressão mais clara de uma incerteza que causava inquietação em Descartes relacionada às opiniões. Pressupomos que tais opiniões só foram fundamentadas como verdadeiras quando foram submetidas a um processo de questionamentos e postas em dúvida.

Seguindo esse questionamento, as opiniões passam a ser consideradas falsas e a dúvida ganha força e Descartes chega a uma determinação que é assim expressa por ele: “[...] me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que então dera crédito” (DESCARTES, 2005, p.29). Ora, visto que Descartes decide desfazer-se

das opiniões e encontrar um fundamento concreto para estabelecer a verdade nas ciências, a dúvida que ele apresenta e vivencia naquele momento é metodológica, pois ela surge como um método para que o sujeito pensante possa fundamentar as ciências.

A dúvida de Descartes é metódica porque tem com o propósito de cumprir um objetivo bem definido. Em função disso, a dúvida é considerada um método, pois é um instrumento significativo utilizado por Descartes com seu potencial de decisão. Em linha gerais, na medida em que toma a decisão de escolher duvidar, ele organiza as suas ideias de forma ordenada tornando-a dúvida metódica. Dessa forma, Descartes vai além de ter uma simples desconfiança, mas elabora uma dúvida sistemática, e a partir daí começa o seu projeto.

Como se tratava de um projeto de restauração da ciência a partir de sua fundamentação metafísica, a primeira coisa que Descartes (2005, p. 30) fez foi duvidar de tudo, tomando como determinação só aceitar como verdadeiro o que fosse evidente, claro e distinto. Esse processo ocorreu em função dos conhecimentos herdados durante toda a sua vida; com esse objetivo, o filósofo começa do início submetendo à dúvida toda e qualquer certeza que ele achava que tinha. Ele exerce o questionamento e suspende todos aqueles juízos que considerava verdadeiros. Desse modo, Descartes escreve: “mas visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício, dedicar-me-ei inicialmente aos princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas” (DESCARTES, 2005, p. 30).

A reflexão cartesiana tem como objetivo afastar-se dos dados dos sentidos visto que eles parecem nos enganar. Portanto, Descartes em suas *Meditações* põe em dúvida primeiramente as experiências sensíveis, principal fonte de vários enganos que envolvem o sujeito pensante.

A dúvida metódica de Descartes visa, sobretudo, atingir ideias claras e distintas, portanto, não podemos declará-la como dúvida cética. Descartes criou regras, ele foi organizado. Com o método, o filósofo foi em busca da existência de uma verdade concreta e que fosse reconhecida universalmente. O método da dúvida de Descartes vem com o objetivo de selecionar todas as suas ideias, excluindo as que ele julgasse ser falsas e duvidosas e apenas absorvendo as ideias que não apresentassem qualquer tipo de dúvida.

Para o filósofo, o conhecimento deve ser bem estruturado sobre uma base sólida para que ele possa se expandir. Assim, a dúvida metódica não precisa provar que todas as coisas são falsas, mas separar as opiniões que julga ser falsas ou que apresentem alguma dúvida, como também analisar os princípios sobre os quais as opiniões antigas estão fundamentadas.

Ao nos aprofundarmos nos estudos sobre o método cartesiano, notamos que a dúvida cética diferentemente da dúvida metódica, é uma dúvida na qual não existe possibilidade de

encontrar a verdade. Isso se contrapõe a dúvida metódica, pois esta como dissemos foi um método criado por Descartes para analisar todas as suas opiniões, excluindo aquelas que ele julgasse não ser verdadeiras, caso fossem duvidosas.

Assim a dúvida de Descartes não pode ser considerada cética porque o cético faz perguntas para duvidar das coisas, não crendo genuinamente na possibilidade de chegar à verdade. Descartes trata sobre a dúvida como método que é análise na ordem e disposição das coisas para descobrir a verdade, contrariando os céticos que duvidavam verdadeiramente. Portanto, a dúvida metódica permite, o filósofo alcançar a verdade através do Cogito, pois a verdade absoluta é justificada com o efeito da existência do cogito que aboliu a dúvida.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, J. A. Descartes e o ceticismo. In: **Revista Ideação**, Edição especial, 2018, p. 106-133.

COTTINGHAM, J. **Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Regras Para A Orientação Do Espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Col. Os Pensadores)

MARCONDES, D. Montaigne, a descoberta do novo mundo e o ceticismo moderno. In: **Kriterion**, Belo Horizonte, Nº 126, Dez/2012, p. 422-433.

_____. O ceticismo antigo: Pirronismo e Nova Academia. In: **Revista de Ciências Humanas**, Vol. 11, Nº 15, 1994, p. 85-95.

PESSANHA, J. A. M. “Descartes: vida e obra”. In: **DESCARTES**, R. Volume 1. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Col. Os pensadores)

SATIAGO, H. “Introdução às Meditações Metafísicas”. In: **DESCARTES**, R. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SEXTO EMPÍRICO. Contra os lógicos I (1-88) [Tradução de Rodrigo Pinto de Brito]. In: **Sképsis**, Ano VI, Nº 9, 2013, p. 196-213.

_____. Hipotiposes pirrônicas [Tradução de Gisele Amaral; Revisão de Plínio Junqueira Smith]. In: **Sképsis**, Ano IV, Nº 6, 2011, p. 93-94.

VAYER, L. M. Sobre Pirro e seita cética [Tradução de Plínio Junqueira Smith]. In: **Sképsis**, Ano IV, Nº 7, 2011.